

PORTUGAL PRÓSPERO

A multinacional alemã Siemens é um investidor centenário em Portugal onde está desde 1905
FOTO SIEMENS



Investimento Há um grande desconhecimento dos investidores estrangeiros em relação à realidade e fatores de atração de Portugal, alertam os especialistas

“Vender” Portugal lá fora

Siemens, Autoeuropa e Continental Mabor. Nomes que são sinónimo de investimento alemão estruturante, estável e de elevado valor em Portugal. Exemplos que o país necessita de replicar. Contudo, tem estado fora do radar de investimento externo das empresas germânicas, conclui um estudo da consultora Roland Berger, realizado em 2013 para a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã.

Qual o problema? Apenas 8% das empresas germânicas consideram Portugal atrativo como localização de investimento, conclui o estudo da Roland Berger. Apesar da crise económica, cerca de metade das empresas que já têm negócios no país pensava manter o seu nível de investimento e mais de 30% consideravam mesmo aumentá-lo em 2014-2015. Uma dicotomia que não se restringe às firmas alemãs.

Segundo o “Portuguese Attractiveness Survey”, da consultora EY (antiga Ernst & Young), em 2013, apenas 22% dos 200 líderes empresariais ouvidos planeavam estabelecer ou expandir operações em Portugal no horizonte de um ano. Mas, quando foram questionadas apenas as empresas já com operações no país (metade da amostra), 95% indicaram pretender manter a sua atividade num horizonte de 10 anos. Um valor muito acima da média da europeia (84%).

Quem está no país valoriza mais

“A percepção sobre a atratividade de Portugal é significativamente melhor por parte de quem já tem atividades no nosso país”, conclui a EY. Até porque “há um grande desconhecimento de muitos investidores estrangeiros que ainda não estão cá, sobre a realidade portuguesa”, alerta António Vitorino, sócio fundador da sociedade de advogados Macedo Vitorino & As-

sociados. Uma constatação que levou a sociedade a elaborar o estudo “The case for investing in Portugal”, apresentando factos concretos a partir da análise de relatórios internacionais. “Em muitos indicadores estamos melhor do que a média europeia e do que concorrentes diretos pela captação de investimento, como Espanha ou os países da Europa de Leste”, salienta António Vitorino, frisando que “temos de ir para o exterior vender Portugal”. Para Luís Florindo, diretor da EY, a AICEC “tem de continuar a apostar nos contactos diretos com potenciais investidores” e as missões de governantes ao exterior “devem privilegiar os contactos com empresários”. E “os empresários não podem esperar por iniciativas públicas. A atração de investimento tem de passar por eles, numa lógica de atração de capital para as próprias empresas”, defende António Vitorino.

Semelhanças de língua e cultura com economias emergentes, diver-

sidade e qualidade da mão de obra, estabilidade do ambiente de negócios e capacidade de investigação e de inovação foram os fatores de atratividade lusa mais apontados pelos líderes empresariais inquiridos pela EY. Jaime Esteves, sócio da consultora PwC, aponta outros pontos fortes: “Excelentes infraestruturas, uma mão de obra flexível e com muitas competências e oferecemos tudo isso a um custo muito acessível”. Características que apontam para oportunidades na captação de projetos de serviços qualificados e de investigação & desenvolvimento, já que “os salários médios dos trabalhadores qualificados são inferiores à média europeia”, nota o estudo da EY.

Salários não são problema

Portugal deve continuar a desenvolver a educação e as qualificações, aconselham os líderes empresariais ouvidos pela EY sobre como pode o

país melhorar a sua atratividade. E tem de reduzir carga fiscal. A reforma do IRC pode dar, aqui, resposta. Mas, “é preciso mostrar resultados rapidamente”, alerta Luís Florindo. Apoiar as indústrias de alta tecnologia e a inovação, aumentar os incentivos para o investimento direto estrangeiro e facilitar o acesso ao crédito são os outros pontos mais referidos. Já a redução dos custos com a mão de obra, que esteve no centro das preocupações da *troika*, é “um não tema para os investidores, que consideram que está adequado à produtividade dos trabalhadores”, nota Luís Florindo. Jaime Esteves remata com dois conselhos aos governantes: apostar na estabilidade e previsibilidade das políticas públicas e atacar os licenciamentos. Obstáculos que, se forem derrubados, terão grande impacto na atração de IDE, considera.

SÓFIA M. LOURENÇO
silourenco@impressa.pt